

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



(HA-LAPID)
O F A C H O

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH



DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, LDA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

(O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

CAPÍTULO II

Exegese da Menina e Moça

Isaac Ben-Judah Abrabanel, o cristão-novo Bernardim Ribeiro, salu de Portugal em 1521, foi para a Itália, percorreu várias terras e foi encontrar-se com seu pai o médico e filósofo Judah Abrabanel, conhecido literariamente pelo nome de Leon Hebreu, que era o físico-mor da corte de Nápoles. Ali regressa à fé de seus pais e retoma publicamente o nome de Isaac Ben-Judah Abrabanel.

É em Nápoles que Bernardim cheio de nostalgia escreve o seu livro *Saudades*, vulgarmente conhecido por *Menina e Moça*.

Vamos agora estudá-lo procurando decifrar os casos nele contidos, que nos são apresentados sob vários disfarces. No seu capítulo 1.º, ele nos diz:

«Menina e moça, me levaram de casa de meu pai para longes terras. Qual fosse então a causa daquela minha levada, — era eu pequena, — nada soube.»

Refere-se Bernardim ao facto de ter sido enviado com um ano de idade de casa de seu pai, em Castela, para Portugal.

«Vivi ali tanto tempo, quanto foi necessário para não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu naquela terra.»

Viveu tanto tempo em Portugal e muito contente.

«Escolhi para meu contentamento (se em tristezas e saudades há algum) vir viver para este monte...

Estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; donde não vejo senão serras dum lado, que se não mudam nunca, e do outro águas do mar, que nunca estão quedas...

E foi assim que, por caso estranho, fui levada a um lugar onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em coisas alheias, todas as minhas angústias; e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte da dor.»

O lugar onde se encontra é em Nápoles, onde vive seu pai, e ali ouve os judeus vindos da península ibérica contarem as suas desditas e saudades das terras onde nasceram e onde foram felizes. Também as narrativas das atribuições porque haviam passado os seus parentes não eram menos dignos de tristeza e de dor.

«... quando esta terra, onde me ela aconteceu, me aprouve mais que outra nenhuma, ...»

fala com saudade de Portugal, terra que lhe aprouve mais que outra nenhuma.

«Agora há já dois anos que estou aqui.»

Tendo saído de Portugal em 1521 é em 1523 que começa a escrever a novela.

«pois não havia de escrever para ninguém, senão para mim só.

Para uma só pessoa podia ele ser; mas desta não soube eu mais parte, depois que as suas desditas e as minhas, o levaram para longes terras estranhas, ...

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Vós comigo, e eu convosco, sós, sabíamos suportar nossos grandes desgostos, e tão pequenos para os de depois. A vós, contava eu tudo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; ...»

É com saudade que Bernardim se refere ao seu grande amigo e confidente Sá de Miranda, o qual não tem probabilidades já de tornar a ver.

«O livro há-de ser do que vai escrito nele...»

Também, por outra parte, não se me dá nada que o não leia ninguém; que eu não no faço senão para um só, ou para nenhum; pois dele, como disse, não sei novas, tanto há.»

Continua referindo-se a Sá de Miranda do qual não tem notícias.

Diz no capítulo 2.º:

«Neste monte, mais alto de todos (que eu vim buscar pela soledade, diferente dos outros, que nele achei)...

Julgo que Bernardim se refere ao monte Capodimonte, em Nápoles, donde se disfruta um magnífico panorama.

«E como os meus cuidados... me comessem de entrar pela lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fora,

assenhorearam-se assim de mim que não me podia já sofrer a par de minha casa, e desejava ir-me para lugares sós, onde desabafasse em suspirar.»

Bernardim encontra-se ali em companhia da sua verdadeira família, mas a qual só conhece aos 30 anos de idade, embora bem acolhido ele recorda-se de Portugal onde passou a sua meninice, a sua adolescência e parte da sua juventude. Épocas da nossa vida que nos deixam indeléveis recordações quer dos momentos alegres como dos que a tristeza por vezes nos invade. Ali a vida é inteiramente diferente da que tivera em Portugal, nem sequer um único amigo da sua mocidade para com ele recordar tempos idos, tudo ali é diferente, nada lhe recorda o seu passado. Dado o seu temperamento sentimental é na soledade do campo que ele encontra conforto falando espiritualmente consigo mesmo.

«... determinei ir-me para o pé deste monte, que de arvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras, é cheio; por onde corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano, que, nas noites caladas, o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono.»

Refere-se Bernardim ao ribeiro Chiaia (hoje em parte canalizado) que passava junto à cidade, é natural que de sua casa ouvisse o ruído das suas águas.

Bernardim descreve duma maneira comovente a morte, ali, dum rouxinol, que lhe havia cantado docemente. É uma alegoria em que o nosso poeta se quer referir a outro poeta, que ali viveu e ali existe o seu túmulo. É Virgílio, autor de eglogas na sua obra *Bucólicas*. Virgílio nasceu perto de Mantua, na aldeia dos Andes, no dia 15 de Outubro do ano 70 antes da era actual. Passou primitivamente alguns anos nas escolas de Cremona. Aos 17 anos dirigiu-se a Milão, onde tomou a toga viril. Foi em Nápoles onde se aperfeiçoou nas letras gregas e na filosofia. Passou a sua vida umas vezes nos Andes, outras em Roma e outras em Nápoles, quase unicamente aplicado às coisas do espírito, não

aspirando nem à fortuna, nem às honrarias. Pouco tempo antes de morrer foi à Grécia e regressando à Itália faleceu no dia 22 de Setembro do ano 19, segundo uns em Brindisi, segundo outros em Tarento. Os seus restos mortais foram transferidos a seu pedido para Nápoles, que tinha sido a sua residência favorita, e enterrados perto da estrada de Nápoles a Puzzoles, onde se mostra um monumento, que se supõe ser o túmulo de Virgílio. Segundo me ensinou o meu professor de latim, o Padre Dr. João Manuel Corrêa, nesse túmulo foi gravada a seguinte inscrição:

MANTUA ME GEMIT,
CALABRI RAPUERRE,
TENET NUNC PARTHEMPE;
CECINI PASCUA, RURA, DUCES.

(Mantua me gerou, os calabrezes roubaram (a vida), agora me possui Parthenope. Cantei as pastagens, os campos, os generais).

(*Continua*).

LISBOA

Em 25 de Janeiro de 1948, perante a assistência de quase todo o Yishuv de Lisboa, foi inaugurada a sede do novo centro Israelita de Portugal.

A sessão solene começou com uma cerimónia religiosa conduzida pelo Rev. do Rab. M. Disendruck. Após o El Mole Rachamim pelas vítimas, o Rev. do Disendruck proferiu uma alocução em que vinculou o paralelismo simbólico entre a festa da plantação e a inauguração da nova sede.

Terminada a alocução do Rev. Disendruck, falaram os Srs. Dr. Sentob Sequerra, Levy, N. Stahl, Ryten, Dr. M. Fradis, Prof. M. B. Amzalak e a Sr.^a Dr.^a Sara Benoliel.

Por fim o Sr. Dr. Sequerra leu um telegrama de saudação do veterano pioneiro sionista Dr. Adolfo Benarus e um outro de felicitação do Presidente da Comunidade do Porto e nosso Director Sr. Prof. Capt. Barros Basto.

Capt. A. C. de BARROS BASTO - Aged 60.

A Tribute on the Tenth Anniversary of the Opening of the Kaddorie Synagogue in Oporto.

Captain Arthur Carlos de Barros Basto, the leader of the Marranos (Anusim) in Portugal and one of the most remarkable figures in contemporary Judaism, has just celebrated his 60th birthday. Born at Amarante, Portugal, on the 18th December 1887, he was the first Marrano in that country within a century and a half to return openly to the Jewish religion, and his effort to bring about a revival of Judaism among the existing Marrano groups in Northern Portugal is one of the romances of Judaism in the twentieth century.

Thanks to his personal endeavours, there was erected, 10 years ago, in 1938, mainly for the neo-Jews in Portugal, the Kadoorie Synagogue in Oporto (bearing the name of the famous philanthropist Sir Elly Kadoorie, of Shanghai)—440 years after the last synagogue in that city (which had subsequently been converted into a church) closed its doors to Jewish worship.

This gallant Jewish soldier, who served in Flanders with distinction during the first World War, has maintained his self-imposed task of rallying his fellow-Marranos to the Jewish faith with unparalleled devotion; and the journal "Ha-lapid" published by him for this purpose, as well as a wide range of Jewish literature in a Portuguese translation, manifest his warm interest in all matters affecting the Jewish people, notably in the development of the Holy Land into the Jewish State in Palestine.

London, 16th January, 5708-1948.

Paul Goodman

Hon. Secretary,
Portuguese Marranos Committee.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Como viviam os judeus em Portugal

(Continuação do n.º 139)

POR AMILCAR PAULO
(LEVI BEN-HAR)

«No tempo de El-Rei D. Dinis parece que ainda se continuava autorizar os judeus com os officios públicos; porque no artigo XIV dos XLII, que em Roma deram os eclesiásticos contra o dito Rei, que refere Bzovio nos «Anais» no ano de 1289, lhes arguiram, que provia os judeus nestes officios; e sobre este favor lhes permitia, andar sem sinais nem divisas, conforme o Concílio Geral tinha ordenado; e que últimamente não permitia, que os obrigassem a pagar dízimas».

D. Duarte proibiu aos infantes, titulares e prelados, que tomassem ao seu serviço judeu algum. Estas leis foram confirmadas por seu filho D. Afonso V.

«Outro si mandamos, e defendemos aos infantes, Arcebispos e Bispos, Condes e Mestres, Abades e Priores, Comendadores e Cavaleiros, Escudeiros, e quaisquer outros Senhores grandes, e honrados dos nossos reinos, que não tenham, nem tragam em suas casas, nem em suas terras, quintas e lugares por seus vedores, Mordomos, ou Recebedores, ou contadores ou Escrivães nenhum judeu, de qualquer condição que seja; e qualquer que o contrário fizer, se for Infante, ou Arcebispo, ou Conde, ou Mestre, ou Prior do Hospital, ou Prior da Santa Cruz, ou Abade bento, pague mil dobras d'ouro; e os outros de mais pequena condição paguem quinhentas, e todo seja para nós: e o judeu, que aceitar officio de cada uma das ditas pessoas, seja açoitado publicamente, e haja cento açoites compridos — Ordn. Affons., livro, 2 título 85».

D. João I pôs em vigor aos 20 de Fevereiro de 1391, as disposições antigas que os obrigavam a trazer umas divisas por onde fossem reconhecidos. «...o dito Senhor Estabeleceu, e pôs por lei, que todos os judeus de seu Senhorio tragam sinais vermelhos de seis pernas cada um no peito acima da boca do estomago; e que estes

sinais tragam nas roupas, que trouxerem vestidos em cima das outras; e sejam os sinais tão grandes, como o seu selo redondo; e que os tragam bem descobertos de guisa que pareçam: — Ordn. Affons., livro 2, título 86».

Desprezando as reclamações, feitas nas Cortes, voltavam os judeus a abandonarem as divisas. As cortes de Évora, em 1481, formularam novas queixas, aumentando o monarca a severidade dessas leis.

D. João II, depois de um acordo com Don Isaac Aboab, Rabi de Castela, recebe em Portugal, como já dissemos, os foragidos de Espanha. O povo porém, supersticioso e fanático, é que não recebe com bom grado os judeus, atribuindo-lhes a epidemia da peste, resultando daí, os mais abomináveis excessos. Acerca destes feitos elucida Garcia de Resende, com uma barbaridade que revolta o bom senso moral, na sua crónica de El-Rei D. João II.

«E porque a El-Rei foi dito que entre eles havia muitos hereges e maus cristãos, neste ano de quatrocentos e oitenta e sete, por autoridade e licença do Papa, começou a entender neles, e ordenou certos comissários, doutores em canones, e outros mestres em teologia, que pelas comarcas do reino ertenderam em vidas, tirando sobre isso verdadeiras inquirições, em que acharam muitos culpados, e se fez neles muitas justiças, que deles, foram queimados, outros em cárceres perpétuos, e outras pendenças segundo suas culpas o mereciam.»

Assim os foragidos ao fanatismo que imperava em Espanha, nem por isso encontraram entre os portugueses, mais carinho, ou pelo menos, acolhimento mais humanitário.

Na maior parte das cidades e vilas do reino, eram obrigados a viverem reunidos em judiarias ou bairros especiais e fora dos quais lhes não consentiam viver.

Nos grandes centros era rigorosamente

proibido aos judeus, o entrarem em casa de mulher cristã, viúva ou solteira, ou até na de casada cujo marido estivesse ausente, sem irem acompanhados de homem cristão. Exceptuavam-se desta regra, aqueles ali chamados por sua profissão, tais como o físico, o alfaiate, etc.. O judeu que não cumprisse esta lei, pagava pela primeira e segunda vez 50.000 libras e pela terceira vez era públicamente açoitado.

Da mesma forma, as mulheres cristãs não podiam entrar nas casas, nem tendas ou lojas dos judeus, sem serem acompanhadas de um cristão.

Constituição dos judeus

O Rabi-mor

Embora houvesse em Portugal rigorosa demarcação estabelecida entre os judeus e cristãos, habitando os primeiros o reino com o carácter de uma pequena nação dominada e oprimida por uma maior onde se encontrava encravada, gozavam de direitos que as faziam iguais das ordens privilegiadas no nosso país. Vários magistrados protegiam e administravam os interesses das comunas judaicas.

As leis portuguesas davam à colónia dos judeus, um corpo social com um centro governativo. A' sua frente achava-se o Rabi-mor que usava um selo igual ao dos corregedores de El-Rei com as armas reais, tendo por legenda, as seguintes palavras: *Seello do Arraby moor de Portugal*. Era este, a suprema magistratura, exercendo o poder sobre o corpo social inteiro.

As suas funções eram das mais importantes. O monarca só as confiava àqueles que lhe tinham prestado grandes serviços.

O Rabi-mor tinha um ouvidor que devia de ser judeu e homem letrado, percorrendo com ele o reino, desembargando segundo direito os feitos da sua alçada. Sobre a sua jurisdição, diz-nos Henrique Schaefer:

"...Era mesmo mais extensa do que a da mor parte dos donatários; porque podia exercer a Correição, direito de que os reis de Portugal se não despojavam facilmente, porque era considerado como privilégio mais importante, sob certo ponto de vista, do poder régio."

Todas as cartas, julgamentos, desembargos, sentenças, assinadas pelo Rabi-mor ou seu ouvidor, eram selados com o seu

selo particular. As certidões testemunháveis e outros diplomas relativos aos processos, cujas confirmações pertenciam aos funcionários régios, eram expedidos em seu nome.

O ouvidor e outros funcionários do centro governativo

O ouvidor era o governador de cada uma das sete comarcas, em que se dividia o centro governativo, correspondendo a cada uma das sete províncias que compunham então o reino. Estas comarcas dividiam-se, por sua vez, em comunas que elegiam um senado ou câmara.

Aos ouvidores pertencia tomar conhecimento dos feitos da sua comarca e passar-lhes, todas as cartas autos e mais desembargos necessários. Conhecer todas as apelações que lhes eram submetidas pelos rabis das comunas das suas comarcas respectivas.

O rabi trazia consigo, um chanceler para selar todos os escritos, autos, sentenças e "cartas direitos", isto é, cartas em que ordenava às autoridades suas inferiores que cumprissem a lei; este podia ser judeu ou cristão. Tinha ainda um escrivão, que de igual maneira, podia ser judeu ou cristão e um porteiro, para fazer as penhoras e sentenças judiciárias.

Os rabis das comunas e seus subalternos

Independentemente das comarcas, havia em cada comuna um rabi, que era o senhor da jurisdição, elegido anualmente de entre os membros do senado; mas podendo só entrar em exercício das suas funções, depois de ser confirmada a sua eleição pelo Rabi-mor e dele receber cartas de investidura, em nome do rei.

(Continua).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

AMIKAM

(O MEU POVO SE LEVANTA)

Periódico independente de luta pela Liberdade de Israel e de Sion. É um quinzenário publicado em Buenos Aires escrito numa linguagem de ardor juvenil.

O seu endereço é: Amikam, Cassilia de Correo 2908.

SECÇÃO SIONISTA

DUAS PALAVRAS

Por Amílcar Paulo

A fundação do Sionismo Moderno, há cinquenta anos, não foi, como muitos dizem, apenas um acto idealista dum iluminado. Não!

O movimento Sionista, fundado por Herzl, estava em marcha havia muitos anos, no ânimo dos corações verdadeiramente livres, que sonhavam uma vida nova numa Pátria própria.

Era um lindo sonho de generosos idealistas — a projecção daquele instinto de liberdade e de independência que foi fortificado por Herzl e que, pelos anos fora tem sido a ânsia do Povo de Israel.

Poucos restam já, dos chamados fundadores do Sionismo Moderno.

Muitos já lá vão.

Recordar, os que assim souberam viver e morrer é o grande dever de todos nós: companheiros mais novos ou discípulos.

A organização do Keren Kaymeth Leisrael

Este fundo está registado em Inglaterra com o nome «Keren Kaymeth Leisral Ltd». A sua direcção é composta por nove pessoas dos diversos partidos sionistas.

A sede da oficina central é, desde o ano de 1922 em Jerusalém e desde 1936 que se acha estabelecida num edificio próprio.

A oficina central está em contacto com 60 países, na maior parte dos quais, existem oficinas territoriais que velam pelo labor de 5.000 comités locais.

Milhares de colaboradores (maiores e jovens), organizações importantes (incluso «Wizo», «Hadassa»), participam na obra do Keren Kaymeth Leisrael. Sobre o movimento financeiro publicam-se frequentemente boletins de informações. A Oficina Central apresenta informações e balanços, controlados por contabilistas, anualmente Comité de Acção Sionista e cada dois anos ao Congresso, instância superior da Organização Sionista.

O Keren Kaymeth Leisrael, fundo agrário da Organização Sionista, desempenha um papel preponderante na reconstrução de Eretz Israel.

NOSSO DEVER

Judeus e camaradas sionistas do Porto, temos que redobrar o vigor na luta em prol da liberdade da Pátria Hebraica!

A nossa obra não é uma «brincadeira de rapazes», mas sim um esforço sincero e desinteressado em prol da unidade do Povo Hebraico! Estamos dispostos a receber com fraternal alegria e todo aquele que se nos dirigir com propósitos leais e espírito de sacrifício, mas não toleraremos no nosso seio indivíduos que só sirvam para nosso fracasso... No movimento Sionista não temos lugar para «Pavões» ou aves de arribação...

Isto não quer dizer que todo o Judeu seja obrigatoriamente um Sionista, mas o que não estamos dispostos a tolerar é a indiferença chocarreira de alguns... que são tudo menos judeus.

Hoje, não devemos fazer distinção entre SOLDADOS DA LIBERTAÇÃO DE EREZ ISRAEL!...

E' prova de estupidez o fazer discriminações entre os combatentes hebreus, pois é sabido que dessa forma criaremos cisões no nosso seio e ameaçamos a unidade nacional. Aquele que discordar portanto das actividades da RESISTÊNCIA HEBRAICA e se mantiver indiferente à luta travada pelo Sionismo em prol da emancipação de Erez Israel, é traidor... porque está a fazer o jogo do inimigo...

Nós Sionistas do Porto, queremos ser um ramo viçoso da grande árvore representada pelo movimento Sionista Internacional... e não rebento prematuramente apodrecido ou erva daninha do mesmo. E' pois nosso dever lutar e levar os nossos correligionários a identificarem-se totalmente com o nosso movimento... Temos que dar todo o nosso esforço por uma Pátria livre.

Não podemos admitir plataformas ideológicas! UM JUDEU DIGNO DE TAL HONRA É NATURALMENTE UM SIONISTA...

Portanto quem não é por nós é contra nós!... E tudo o que seja dito aberta ou veladamente contra o Sionismo só nos poderá fazer redobrar a vontade imperecível de vencermos... todos os inimigos... internos e externos!

ISAAC LOPES MARTINS.

Hanucah—de 5708 no Porto

Comemoração da Restauração do Estado Judaico

Foi com efusivas manifestações de alegria, num misto de emoções delicadas que a palavra não pode descrever, que se comemorou, em 14 de Dezembro de 1947, por iniciativa do «Grupo Sionista Theodor Herzl» a Restauração do Estado Judaico, na sede da Comunidade Israelita desta cidade.

Às quatro horas da tarde encontravam-se reunidas um razoável número de pessoas, entre as quais algumas de fora que, amavelmente, acederam ao nosso convite. Algum, tempo depois começou a execução do programa que abria por uma oração de Minh'ha, que foi oficiada pelo nosso correigionário Sr. Srul Finkelsztejn.

Finda esta, todos os convidados se dirigiram para a sala das sessões, onde ia ter lugar uma sessão solene. Aberta esta pelo Sr. Finkelsztejn, sobe à tribuna o Sr. Amílcar Paulo, que historiou o Sionismo e exaltou o esforço judaico em prol da Eretz Israel, sendo muito aplaudido.

Dada a palavra, ocupou a tribuna o Sr. Isaac Martins, que apresentou algumas fazes do caso Judaico-Arabe, sendo calorosamente aplaudido ao terminar a sua palestra.

Logo após, honra a tribuna o Sr. Prof. Capt. A. C. de Barros Basto, leader dos Maranos de Portugal, descrevendo a história da Comunidade local, fazendo salientar o amor, a protecção que Deus de Israel sempre tem dispensado à «Obra do Resgate».

Fez ver à assistência, os obstáculos, as dificuldades que Ele, sempre com o auxílio Divino, teve de superar.

Terminando Sua Ex.^a incitou todos os presentes, ao trabalho e ao cumprimento do dever para que assim possamos ser verdadeiros Israelitas. Prolongados aplausos envolveram as derradeiras palavras do orador.

Finalmente, agradecendo e presença de todos, o Sr. Joseph Gabriel, profere as Palavras de Encerramento.

Em seguida desceu-se para a sala de oração, onde se realizou a festa de Hanucah, sendo oficiante o Sr. Joseph Gabriel.

Assim, com agrado geral, comemorou-se a Restauração do Estado Judaico e Hanucah, deixando no espírito de todos indelével e saudosa recordação.

Dos 4 Cantos da Terra

Roma — Pacciardi, Vice-presidente do Conselho de Itália, declarou a H. Nahon, da Direcção da Organização Sionista de Jerusalém, de passagem por Roma:

«A Itália será o primeiro dos países a reconhecer o *Estado Judaico*». Assim, segundo Pacciardi, pretende a Itália restabelecer a sua tradicional amizade para com o povo judeu.

New-York — Durante o decorrer de uma grande reunião pública em New-York, um representante das Organizações Operárias Judaicas dos Estados Unidos, entregou ao delegado do Histadruth um cheque dum milhão de dólares para auxílio financeiro aos operários judeus da Palestina.

— William Green, Presidente da «American Federation of Labour», enviou uma mensagem dizendo: «Nós as operárias americanas, temos o dever de agir imediatamente para defender o povo judeu na Palestina contra as agressões preparadas por aqueles que tentam sabotar a decisão da O. N. U.». O Prof. Shertok, que assistiu à reunião, declarou no seu discurso «O dia virá em que nós vos pediremos, não somente dinheiro, mas também homens».

Guatemala — O Dr. G. Granados, delegado da Guatemala para a O. N. U., condena em termos severos a atitude da Inglaterra na Palestina, depois da decisão da O. N. U..

«A Grã-Bretanha, declarou ele, não aceitou a decisão da O. N. U. nem tão-pouco possui intenção de a respeitar.

O Dr. Granados, conclui afirmando a necessidade urgente da Comunidade Judaica obter armas que lhe permitam defender-se dos seus agressores.

Londres — Faleceu nesta cidade o nosso correigionário Gustav Mayer, antigo professor de história da Universidade de Berlim e autor de uma conhecida biografia de Friedrich Engels. O Professor Mayer, que faleceu em Londres a 24 de Fevereiro, fora demitido pelos nazis do cargo de professor em 1933 e residia na Inglaterra desde o princípio da última guerra.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 185)

II. Código Ms. de Lisboa, de 1410 —
O Código Ms. Hebraico dos Agiógrafos escrito em Lisboa em 1410 por Samuel filho de R. Jom Tob, que se acha na Biblioteca Pública de Berne (Na Epígrafe deste Código se lê assim, segundo translada Rossi: *Ego Samuel Seribans fil. K. Jom. Tob fil. Alsaig. scripsi hæc Agiographa ad num desideratissimi Juvenis R. Moris; etc. ab sobri illa die VI mensis Tisri an. 5170. Ulyssipone*, Rossi tom. I. *das var. Lic. do Testamento Velho no Catálogo dos Códigos Mss. de Kennicott* p. LXXVIII pág. 398, Bruns viu e conferiu este Código em Berna e era já um fragmento que começava em Daniel no cap. XII 7 e se lhe havia ajuntado tão sòmente *Esdras com Megilloth*, Kennicott na *Dissert. Geral* pág. 482).

III. Código Ms. de Lisboa, de 1469 —
O Código Ms. do Pentateuco com as Aphtharoth, e V. Meghill com o Livro de Antiocho e a Masora menor em pergaminho e em carácter Espanhol; escrito em Lisboa em 1469 em 4.º por Samuel Medina; (Consta da inscrição, que vem no fim do *Eccles. Ego Samuel de Medina Scripsi hos quinque Libros Leges, etc. Aphtaros etc. V. Megilloth auxiliis Dei, qui sedet in excelsis, in gratiam clarissimi potentis de desiderabilis R. Jacob. Cœa filii gloriosi electissimi senis, optimi cum Deo etc. hominibus R. Jonce Cœn, absolutarque, liber, mense sivan ano 5229 ab O. C. Ulyssipone*); o qual existe hoje em Parma na copiosíssima Bibliotheca de João Bernardo de Rossi (Ele mesmo o atesta no tom. II. *Das várias Lições do Testamento Velho*, que o

conta entre os Códigos Mss. Bíblicos, que se devem acrescentar à sua Bibliotheca pág. 7 n.º 850).

IV. Código Ms. de Lisboa de 1470 —
O Código Ms. dos Profetas Posteriores em pergaminho e carácter Espanhol escrito em Lisboa em 4.º por Jason filho de José (Consta da inscrição que se lê no fim: *Ego Jason fil. Jozeph fil. Job Scripsi hos Prophetas posteriores, absolvique illos hinc Ulyssipone in mens. tebeth die XI mensis in grat. R. Isaaci fil. R. Jehudæ Thibeve an. 5230*). Pertence hoje à Bibliotheca de Rossi.

V. Código Ms. de Lisboa de 1473 —
O Código Ms. do Pentateuco com as Aphtharoth e a Masora em pergaminho e carácter Espanhol escrito em Lisboa em 1473 em 4.º por Samuel de Medina, o mesmo que havia escrito o outro Código do Pentateuco de 1469. (No fim se lê: *Ega Samuel fil. R. Issaci. de Medina Scripsi hos quinque Libro. Legis etc. Aphtaroth auxiliante Deo qui nubes equit, in grat. eximii potentis at que exoptatissimi R. Ghedaliæ fil. Codex mense Isar an. 5233 à creat m. a filio XXV annorum Ulyssipone*. Deste Código fala Kennicott pág. 414 e Rossi tom. I *das Várias Lições do Testamento Velho no Catálogo dos Códigos Mss. que se devem acrescentar à sua Bibliotheca*). Existe na Real Bibliotheca de Parma. (Assim o atesta Kennicott na sua *Colecção dos Códigos Mss.* e no tom. II na *Descrição e Suplemento da mesma Colecção* pág. LXXXVIII n.º 548).

(Continua).